



Estudo comparativo do léxico e sinais em relação à polissemia na Língua Portuguesa e na língua brasileira de sinais¹

CARLA PARETO DA SILVA

INTRODUÇÃO

A proposta é de tornar rica e lúdica a exploração de tais aspectos da língua de sinais que tornam tal língua um sistema linguístico complexo. As crianças precisam dominar tais relações para explorar toda a capacidade criativa que pode ser expressa por meio da sua língua e tornar possível o amadurecimento da capacidade lógica cognitiva para aprender uma segunda língua.

Ronice Quadros
Magali Schmiedt

RESUMO

O presente artigo pretende estudar a polissemia na Língua Portuguesa e na Língua Brasileira de Sinais (Libras) e seus aspectos semânticos, levando em consideração suas implicações linguísticas, sendo de grande importância não somente para os estudos linguísticos da área de Língua Portuguesa, mas também para o processo de inserção do educando surdo na sociedade a partir do contexto de ensino de segunda língua. Para esse trabalho, foram selecionados alguns sinais da Libras, analisados em suas relações de polissemia com o português na tentativa de demonstrar a semelhança que existe entre elas na formação de sentido para o indivíduo surdo. Dessa forma, foi verificado que, assim como nas línguas orais, o sentido dos sinais na Libras se constitui pelo contexto, ou seja, pela identidade semântica. Nesse sentido, é importante compreender e analisar a Libras pelo rumo linguístico para possibilitar ao indivíduo surdo uma educação de qualidade, especificamente no ensino de Língua Portuguesa. Além de proporcionar a esse educando o reconhecimento da língua não-materna, visando à sua melhor compreensão e sobretudo o domínio da modalidade escrita.

O artigo surgiu da “inquietação” necessária de buscar aprofundamento a respeito da Libras compreendendo seus aspectos semânticos, pois as línguas de sinais são completas e apresentam estrutura gramatical própria.

É importante ressaltar que pesquisas feitas sobre os aspectos gramaticais da Libras são muito interessantes, pois a cada estudo é possível atingir fatores relevantes que permitem um ensino mais eficaz para o indivíduo surdo. As línguas de sinais, por não utilizarem o caminho oral-auditivo na comunicação, e o código escrito ainda não

1. Este artigo foi apresentado como trabalho de conclusão da disciplina Lexicologia e lexicografia da Língua Portuguesa (Estudos lexicais: perspectivas históricas e ensino), do Mestrado em Letras na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

CARLA PARETO DA SILVARA

Assistente de Alunos do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). E-mail: carla_pareto@yahoo.com.br.

ser popularizado entre os surdos, muitas vezes são vistas com uma desorganização estrutural, porém estudos de considerável compreensão estão sendo desenvolvidos para refutar esse pensamento.

Diante do apresentado, buscamos neste trabalho identificar, em uma pequena análise comparativa, um aspecto semântico da Libras, a polissemia, exemplificando os significados de alguns sinais e relacionando-os com a polissemia na Língua Portuguesa.

1. OS SENTIDOS DAS PALAVRAS

Para compreender melhor os aspectos semânticos da Língua Brasileira de Sinais (Libras) é importante, inicialmente, conceituar a semântica na Língua Portuguesa:

A definição tradicional da semântica como “ciência ou estudo do significado”, no plano puramente linguístico, tem sido reinterpretada, ou como o estudo da mudança do significado, ou como o estudo da significação (englobando o processo e o modo de significar), ou como o estudo do “conteúdo” dos signos linguísticos (VILELA, 1994, p. 9).

Sendo assim, podemos dizer que a semântica é estudo do significado que estuda conceitos/significados de palavras dentro de um possível contexto. Toda língua oral-auditiva possui um sistema de representação do mundo e de suas

ações. Nas línguas de sinais não é diferente, elas usam códigos (sinais) e os sentidos são particularizados em um determinado contexto. Por esse motivo, toda manifestação linguística participa de um sistema acessível associado a um sentido que expõe sua cultura, interage com um pensamento que gera, assim, o sistema linguístico. Consideramos natural o ser humano construir suas próprias palavras, desde que sigam regras básicas, remetendo à ressignificação dos conceitos e usos. Chamamos da semântica à significação das palavras que são estabelecidas dentro de uma conjuntura sociocultural.

Língua e cultura são indissociáveis. A língua de um povo é um de seus mais fortes retratos culturais. Essa língua é organizada por palavras que se organizam em frases para formar o discurso. Cada palavra selecionada nesse processo acusa as características sociais, econômicas, etárias, culturais... de quem a profere. Partindo dessa premissa, estudar o léxico de uma língua é abrir possibilidades de conhecer a história social do povo que a utiliza (ABBADE, 2011, p. 1332).

2. POLISSEMIA

Entendemos que as palavras polissêmicas são resultados de processos de extensão de significados que só podem ser esclarecidos dentro de um contexto. Assim, alcançamos que na Língua Portuguesa a origem comum está na palavra. Contudo, no caso da Libras a origem está no sinal.

Assim, consideramos polissemia conforme alguns conceitos estudados:

“É uma denominação para palavras iguais com muitas significações, apesar de uma origem comum” (ANDRADE; RUIZ; RANGEL, 2011, p. 87).

“A polissemia é um traço fundamental da fala humana, que pode surgir de maneiras múltiplas” (ULLMANN, 1977, p. 331).

“À medida que uma significação nova é dada à palavra, parece multiplicar-se e produzi exemplares novos, semelhantes na forma, mas diferentes no valor. A esse fenômeno de multiplicação chamaremos a polissemia” (BRÉAL, 1992, p. 103).

“Sabemos que a POLISSEMIA caracteriza-se pelo fato de que uma palavra pode sofrer adaptações semânticas às diversas circunstâncias em que é usada, sem, contudo, deixar de se ligar a um sentido básico inicial” (ROCHA, 1998, p. 67-68).

3. A ESTRUTURA GRAMATICAL DA LIBRAS

Podemos observar que a Libras, utilizada pela comunidade surda brasileira, é organizada de forma tão complexa quanto a línguas orais-auditivas. Percebemos que as línguas orais-auditivas e as línguas de sinais são semelhantes em alguns aspectos como, por exemplo, a linguagem associada aos aspectos sociais. Portanto, compreender a Libras é abranger a relação das ações sociointerativas dessa lín-

gua, que naturalmente está em conformidade com a Língua Portuguesa.

Apesar de as línguas de sinais terem características que as tornam línguas como quaisquer outras, elas apresentam peculiaridades em relação às línguas orais justamente por serem gesto-visuais. Segundo Andrade, Ruiz e Rangel (2011), “a estrutura fonológica da Língua de Sinais está organizada em 5 parâmetros:”

- a) Configuração das mãos (CM):** “É a forma das mãos presente no sinal” (ANDRADE; RUIZ; RANGEL, 2011, p. 22).
- b) Ponto de articulação (PA):** “É o lugar onde incide a mão predominante configurada, podendo esta tocar alguma parte do corpo, ou estar em um espaço neutro vertical (do meio do corpo até a cabeça) e horizontal (à frente do emissor)” (ANDRADE; RUIZ; RANGEL, 2011, p. 23).
- c) Movimento (M):** “É o deslocamento da mão no espaço durante a realização do sinal” (ANDRADE; RUIZ; RANGEL, 2011, p. 24).
- d) Orientação das mãos (OM):** “Os sinais apresentam uma direcionalidade com relação aos parâmetros anteriores” (ANDRADE; RUIZ; RANGEL, 2011, p. 25).
- e) Expressão fácil e corporal (EFC):** “Muitos sinais também possuem em sua configuração, como traço diferenciador, além dos quatro parâmetros mencionados anteriormente, a expressão facial e/ou corporal” (ANDRADE; RUIZ; RANGEL, 2011, p. 25).

Dessa forma, saber se expressar em Libras é dominar as combinações desses parâmetros para formar sinais em uma estrutura gramatical complexa. As mãos não são o único veículo usado pelos surdos para realizar uma informação, eles fazem amplo uso de marcadores não manuais, como por exemplo, as expressões faciais e corporais (movimento dos membros, olhos, boca, sobrancelha etc.), compondo a estrutura dessa língua, diferentemente das línguas orais, que utilizam entonação, velocidade, ritmo, sotaque, entre outros artifícios para alcançar a comunicação de forma satisfatória e plena. "O léxico de uma língua, numa definição mais geral, pode ser visto como o amplo repertório de palavras de uma língua, ou o conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação" (ANTUNES, 2012, p. 27).

4. ESTUDO COMPARATIVO

Entendemos que o ensino de Língua Portuguesa para surdos exige do educador uma comparação indispensável com a língua materna desse indivíduo, para que os contextos sejam sempre entrelaçados e o resultado, satisfatório. Vejamos agora a comparação da polissemia entre a Língua Portuguesa e a Libras de maneira a facilitar a inserção da segunda língua na educação de surdos.

Exemplo 1:

1. O compositor escreveu a **letra** da canção à sua amada.
2. A **letra** "C" é a terceira em nosso alfabeto.

3. Sua **letra** é muito bonita!

Antes de analisar o exemplo 1, precisamos esclarecer que a polissemia em Libras é entendida por um único sinal com vários significados que se relacionam dentro de um campo semântico. Para elucidar ainda mais esse assunto, vemos em Abbade (2011) que

Os campos lexicais representam uma estrutura, um todo articulado, onde há uma relação de coordenação e hierarquia articuladas entre as palavras que são organizadas à maneira de um mosaico: o campo léxico. As palavras são organizadas em um campo com mútua dependência, adquirindo uma determinação conceitual a partir da estrutura do todo. O significado de cada palavra vai depender do significado de suas vizinhas conceituais. Elas só têm sentido como parte de um todo, pois só no campo terão significação. Assim, para entender a lexia individualmente é necessário observá-la no seu conjunto de campo, pois fora desse conjunto não pode existir uma significação, uma vez que a mesma só existe nesse conjunto e em sua razão (p. 1332).

Percebemos no exemplo 1 que nas três orações a palavra "letra" está presente. Em cada uma delas o vocábulo é utilizado com diferentes sentidos: na primeira oração, **letra** refere-se ao texto que acompanha uma música; na segunda oração, **letra** refere-se ao sinal gráfico do alfabeto, ao símbolo da escrita e na terceira oração, **letra** refere-se à forma que se dá à letra escrita. A palavra "letra" possui diferentes significados, mas remete para o mesmo conceito,

o da escrita. Além de terem a origem comum na palavra em latim *littera*.



Exemplo 2:

1. Sinal de **peixe**
2. Sinal de **sexta-feira**

Conforme representado acima, no exemplo 2, os 5 parâmetros (**CM, PA, M, OM, EFC**) são idênticos, isto é, "peixe" e "sexta-feira" possuem o mesmo sinal e o que diferenciará o significado desse único sinal, para não haver ambiguidade dentro de uma situação, será o contexto. Podemos refletir também sobre o motivo do sinal ser o mesmo para as duas palavras e entender a ligação que elas possuem em um contexto social, dentro de um campo semântico. Os sinais são iguais pois as palavras "sexta-feira" e "peixe" são motivadas e ligadas por uma prática adotada pelo cristianismo em que é feita a abstenção de carne vermelha no jejum da Sexta-feira Santa, adotando-se assim a alimentação por peixe.

Exemplo 3:

1. O meu **gato** arranhou meu filho.
2. Esse rapaz é um **gato**!

Percebemos, no exemplo 3, a presença da palavra "gato" nas duas orações. Em cada uma delas o vocábulo é utilizado com diferentes sentidos: na primeira ora-

ção, gato refere-se ao animal mamífero e na segunda oração, gato refere-se a uma pessoa atraente. Alcançamos que a palavra "gato" possui diferentes significados, mas nas duas orações a origem é comum do latim *cattus*.



Exemplo 4:

1. Sinal de senha
2. Sinal de segredo

Na imagem representada acima, os 5 parâmetros (**CM, PA, M, OM, EFC**) são iguais, ou seja, "senha" e "segredo" possuem o mesmo sinal e, ocorrendo ambiguidade, essa será desfeita pela diferenciação do significado dentro do contexto. Podemos fazer uma reflexão também sobre o motivo do sinal ser o mesmo para as duas palavras, entendendo a relação que elas possuem. Os sinais são iguais pois as palavras para a estrutura da Libras possuem um sentido similar, de confiança, privacidade, sigilo, discrição. Elas estão correlacionadas.

Exemplo 5:

1. Ele teve ferimentos na **cabeça**.
2. Ele é o **cabeça** do grupo.
3. Ele é muito **cabeça**, tirou nota 10 na prova.

No exemplo 5, em cada oração o termo é utilizado com sentidos diferentes: na

primeira oração, cabeça refere-se à parte do corpo humano; na segunda oração, cabeça refere-se ao líder do grupo e na terceira oração, cabeça refere-se a uma pessoa inteligente. Apesar da palavra “cabeça” possuir significados distintos, a origem é comum, do latim *capitia*.



Exemplo 6:

1. Sinal de **boi**
2. Sinal de **fazenda**

No exemplo 6, os **CM, PA, M, OM, EFC** são iguais, revelando que as palavras “boi” e “fazenda” possuem o mesmo sinal com significado diferente, conforme os outros exemplos. Da mesma maneira, para evitar ambiguidade dentro de uma situação, o contexto as diferenciará. Os sinais são iguais, pois as palavras estão dentro de um campo semântico, tornando-as correlacionadas no sentido de atividades agrárias, rurais, em que se inserem “boi” e “fazenda”.

Exemplo 7:

1. Todos olhavam com enorme prazer a formosa **dama**.
2. Está faltando a **dama** de copas nesse baralho.

Observamos, no exemplo 7, que está exposta nas duas orações a palavra

“dama”. Em cada uma o vocábulo é utilizado com sentidos distintos: na primeira oração, dama refere-se a senhora de distinção, mulher nobre, e na segunda oração, dama refere-se a uma peça de jogo: a rainha, uma das cartas do baralho. A palavra “dama” possui a origem comum na palavra em francês *dame*, derivada do latim *domina*.



Exemplo 8:

1. Sinal de **hoje**
2. Sinal de **agora**
3. Sinal de **presente**

No exemplo 8, os parâmetros **CM, PA, M, OM, EFC** são iguais, mostrando que as palavras “hoje”, “agora” e “presente” possuem o mesmo sinal; portanto, para não haver ambiguidade, o significado de cada sinal será apresentado conforme o contexto em cada situação. Pensando na correlação que essas palavras podem ter dentro de um campo semântico, entendemos que elas têm uma relação de sentido. Os sinais são iguais e os sentidos abarcam uma ideia de tempo atual, recente, próximo ao ocorrido.

A polissemia em Libras implica a presença de sinais com traços de compartilhamento de significados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises presentes nesse artigo foram pequenas diante da grandeza e especificidade da Língua Brasileira de Sinais e da Língua Portuguesa. A intenção é colaborar com o estudo da gramática da Libras, além de contribuir para o ensino de Língua Portuguesa para surdos. Esse trabalho procurou de forma simples, correlacionar as línguas em questão para, por meio de um estudo comparativo, obter informação de equivalência nas línguas para usar em sala de aula. Logo, esta pesquisa permitiu considerar uma estratégia semântica amplamente utilizada em sala de aula, a polissemia, que faz parte tanto da prática de interpretação na Libras, como na Língua Portuguesa.

Nesse sentido, compreender e analisar a Libras pelo viés linguístico para introduzir o ensino de Português é possibilitar ao indivíduo surdo uma educação de qualidade, reconhecendo o valor de sua língua materna, porém mostrando ao educando a língua predominantemente usada socialmente, o que lhe trará uma real possibilidade de interação e inserção na sociedade.

Por fim, entendemos que a língua é uma construção sociocultural e por esse motivo apresenta uma rica diversidade de vocábulos, sinais. Dessa forma, mesmo que existam dificuldades, podemos encontrar polissemia na Libras e fazer comparações com a Língua Portuguesa, abrindo espaço para prósperos estudos linguísticos dessa língua de sinais que carece de assunto.

REFERÊNCIAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza. A lexicologia e a teoria dos campos semânticos. In: *Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Rio de Janeiro: CiFEFIL, 2011. p. 1332-1343.

ANDRADE, Betty Lopes L' A. de; RUIZ, Luciana Dantas; RANGEL, Luciane Rodrigues. *Libras – Módulo I*. Niterói: UFF/Neami, 2011.

ANTUNES, Irandé. O léxico de uma língua. In: *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 27-33.

BRÉAL, Michel. A polissemia. In: *Ensaio de semântica: ciência das significações*. Trad. Aída Ferrás et al. São Paulo: Educ/Pontes Editores, 1992. p. 103-111.

QUADROS, R.; SCHMIEDT, M. *Ideias para ensinar português para surdos*. Brasília: MEC, SEESP, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/port_surdos.pdf. Acesso em: 10 fev. 2017.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. O léxico. In: *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. p61-75.

ULLMANN, Stephen. Polissemia. In: *A semântica: a ciência do significado*. 4ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977. p. 331-389.

VILELA, Mário. Lexicologia e semântica. In: *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994. p. 9-23.